

“Cenas do Ceará – I ”

cinco poemas por *Beatriz Alcântara*

Caatinga

Afloramento de pedras
vegetação espinhosa
olhos d'água
lajeiro
cacimbas que nunca secam.

Caldeirão da Santa Cruz

O sol encerra tudo
de tanto ardor
aridez
sequidão
esgarça o ventre da terra.
Entre o céu
e os olhos
não há mais cor
só ilusão de areia
pedras, pedranceira.
Um silêncio exangue
acusador
acolhe o lastro de poeira
dos apiedados invasores.

Uma curva,
revelação e encontro
de escombros
vigia do Beato
ruínas presas
à fogueira mística.

A destruição
desce o morro
terra do vazio
ímpio,
só o cruzeiro
anuncia o mistério
na sobrevivência
da igreja-capela.

Da chacina
um sobrevivente
narra o fogo
gritos e aflições
para os visitantes
sedentos de sombra,
mas a dor não está mais com ele
permanece calada no eco mudo
dos morros desnudos
no tempo agreste
que enterrou os viventes
do Caldeirão da Santa Cruz
do Cristo Santo, dos desertos.

Guaramiranga

Ainda não é meio-dia
e grande é o chilrear
dos pássaros que passam
voando baixo, em goles
sucessivos e rápidos.
O tempo escurece e
o ar todo estronda
com os trovões ao longe.
O joão-de-barro
de guarda ao ninho
pia forte para a companheira
que logo acode ao apelo.
A chuva não chega
do céu de chumbo
que abre curtas tréguas
no seu ribombar
ao som motorizado
das asas do beija-flor
arrodeando os hibiscos
como se fora a última vez.
Cessam os trovões,
segue-se saturnino silêncio.
Uma gota grossa
pousa-me no rosto
e logo mais outra vem
e outras tantas solidárias
me põem a correr e
montam a água de chuva
por muitos modos anunciada.

Areias do conhecimento

Dunas de areia fina
 luz a penetrar o céu
relevo de sombras
 rendição e troféu
do instável absoluto.

Terra de aboio

Cai o calor e a tarde,
o homem do alto do cavalo
solta o canto
arrodeia e tange o gado
refazendo o caminho
de areia batida
seixos
cercas
garranchos
e mandacarus.

O homem alteia o aboio
o gado satisfeito geme
caminho de respostas
sob céu sem nuvens.
Na passagem da manada
pedras e rochas estremecem,
acorre o vaqueiro a galope
porteira
sombra do jatobá
casa branca
telhado escuro.

O aboio
cada vez mais forte
anuncia a chegada.
Os olhares se cruzam no alpendre
a comitiva segue
quintal adentro
tamarineira
cercado de cabras
ciscado de galo e galinhas
tudo atento à boiada.
Nova porteira
aboio curto
curral
o homem e seu cavalo

recolhem os mugidos
e a tarde fugidia
atenta à chegada da escuridão
permite o silêncio
o sino
o toque dos anjos
agasalhando devoção.